Igreja em diálogo no espaço urbano: desafios, iluminação teológica e pistas pastorais

Everton Aparecido da Silva[1]

Resumo: A tendência do mundo contemporâneo é fechar o ser humano em si mesmo. Porém, o homem é um ser de relações. A credibilidade das iniciativas cristãs em matéria de diálogo é frequentemente colocada em dúvida. O objetivo, realizado por levantamento bibliográfico, é refletir sobre uma Igreja em diálogo no espaço urbano com seus desafios, apontar seu fundamento teológico e alguns acenos pastorais, motivando percorrer o caminho. O diálogo deve continuar, nunca o renunciar; viver e realizá-lo com atitude de serviço e de discípulos missionários pedagogos. Nele se encontra uma bússola segura para se orientar no caminho da compreensão do mundo urbano.

Palavras-chave: Urbano. Horizontes. Cultura do Encontro.

1 Introdução

O tema do diálogo é fundamental atualmente. O diálogo permite que as pessoas se conheçam e compreendam reciprocamente as suas exigências. Trata-se de um sinal de respeito porque coloca cada um em atitude de escuta, sem ignorar as diferenças; ajuda a humanizar as relações e a superar as incompreensões. Não se dialoga quando não se escuta o suficiente ou tem-se a tendência de interromper o outro para demonstrar que se tem razão.

No diálogo se procura o bem comum, se coloca na condição de perceber os melhores aspectos do seu interlocutor, pois o outro o interpela. O diálogo se instaura quando ocorre uma atitude de abertura ao outro, do diferente; quando se reconhece o outro como sujeito portador de uma liberdade e dignidade fundamental; quando se vê o outro como ele é, ele é outro, essencialmente outro o que não eu; quando se prima pelas relações pessoais.

Aprende-se com o diálogo, inclusive com aqueles que não têm a mesma fé que a sua, apesar de muitos sentirem dificuldade em estabelecer contato com quem não possui a mesma confissão de fé, ou não professa uma fé, ou ainda com quem trafega por outros campos, como a ciência.

O ser humano precisa estar enraizado na consciência da importância do diálogo e na sua realidade que traz benefícios, mas desafia, pois, carrega em si a transformação das formas de pensar, sentir e agir.

[1] Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Licenciado em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração de Jesus (USC) de Bauru. Graduado em Teologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção de São Paulo. Professor Adjunto e Tutor Online no Curso de Teologia da Faculdade João Paulo II (FAJOPA) de Marília. Presbítero da Diocese de Presidente Prudente. E-mail: evertonaparecidodasilva@yahoo.com.br

No espaço urbano, a realidade dialogal fica cada dia mais descomprometida. Percebe-se uma rotina muito acelerada que leva as pessoas a se isolarem em seus mundos. Vive-se em uma cibercultura onde a distinção entre real e virtual não faz mais sentido. Não é sem motivo que a ideia de 'rosto' se tornou tão fundamental para algumas reflexões éticas, em especial aquelas desencadeadas pelo filósofo francês Emmanuel Levinas (1906-1995), pois é absolutamente diferente um diálogo construído 'olho no olho' daquelas discussões feitas atrás da tela de um computador.

O mundo moderno ocidental, em sua quase totalidade, já não é mais regido por instituições religiosas, que sedimentaram por muito tempo o social e o cultural, alocando um conjunto de sentidos a partir do divino. O moderno traz o ser humano como centro das coisas, aliado a uma lógica cartesiana e uma moral derivada do Iluminismo. A independência da escolha racional centrada no indivíduo autônomo criou um novo conceito ordenador da realidade, onde a religião, valendo-se de suas instituições oficiais de representação, perdeu a hegemonia e o poder de ator regulador do cotidiano.

Há pessoas e grupos que reagem às mudanças fechando-se ao real mediante práticas fundamentalistas, com muita rigidez, buscando segurança em um estilo de vida próprio do passado. O fundamentalismo é sustentado não por uma sólida hermenêutica e sim por um rigorismo doutrinário. A sua abrangência na sociedade atual ultrapassa o universo religioso e já ocupa o espaço da política e da economia, carregando consigo um traço claramente ideológico. Sua utilização tem servido para justificar atitudes religiosas fanáticas.

O pluralismo cultural e religioso impõe-se de maneira clara e indiscutível. A mídia enche-nos todos os dias com notícias do mundo inteiro, a mostrar não só a variedade cultural, mas, até mesmo os conflitos entre culturas, etnias e religiões. No mundo globalizado em que vivemos, as pessoas pensam de modo diferente umas das outras; veem de maneira diferente, a partir de seu ponto de vista. Quando se nasce numa realidade ou num ambiente monorreligioso homogêneo, isto é, numa só religião, não se conhece outras culturas ou outros campos sociais, mas quando finalmente se penetra na realidade plural, são experimentadas e vivenciadas outras realidades que, até então, não se havia feito de si mesmo.

A realidade dialogal, como exigência, também deve estar presente na Igreja que, com os homens e as mulheres de todos os tempos, se faz atenta de modo a compreender as necessidades do coração de cada pessoa e contribuir para a realização do bem comum. A Igreja dialoga com o mundo porque está disposta a aprender com o mundo, um diálogo profícuo que a enriquece e edifica os cristãos.



O teólogo Elias Wolff, na introdução de seu livro Igreja em Diálogo, resgatando os grandes temas dos ensinamentos do Papa Francisco, faz a seguinte afirmação:

> [...] dialogar é um modo de ser cristão e ser Igreja, configura a própria identidade humana e religiosa. Mais, diálogo é conteúdo da própria fé no Deus Trindade que tem natureza relacional na comunhão das pessoas divinas e que se relaciona com o mundo e com a história humana, tendo seu ápice na encarnação do Filho. Como consequência, o diálogo deve constituir a Igreja que expressa a fé no Deus comunidade e se configura como uma comunidade de diferentes. Dialogar é uma exigência ad intra na Igreja pela sua natureza de comunhão e participação. E é também uma exigência ad extra para o bom desenvolvimento da sua missão. Não dialogar é colocar em risco o ser da Igreja e a sua missão. O diálogo é mais que método da missão. Ele é, sobretudo, conteúdo do Evangelho pregado. Como diz João Paulo II, 'diálogo é salvação' (UUS 35) (Wolff, 2018, p. 7).

O diálogo é uma realidade importante do caminho que a Igreja Católica começou novamente a percorrer a partir do Concílio Vaticano II e que se tornou característica da missão da Igreja nos tempos atuais. Por isso, o objetivo, realizado por levantamento bibliográfico, é refletir sobre uma Igreja em diálogo no espaço urbano com seus desafios, apontar seu fundamento teológico e alguns acenos pastorais, motivando percorrer o caminho.

2 Horizonte do diálogo

Todas as formas de diálogo são expressão da grande exigência de amor de Deus, que vai ao encontro de todos e em cada um planta uma semente da sua bondade, para que possa colaborar com a sua obra criadora. O diálogo abate os muros das divisões e das incompreensões, cria pontes de comunicação e não permite que ninguém se isole, fechando-se no seu pequeno mundo. O exercício do diálogo, no modo mais amplo e profundo possível, estabelece relações com as pessoas, a sociedade, as diferentes Igrejas, as religiões e as culturas dos povos.

2.1 Diálogo com a Sociedade

A Igreja dialoga com a sociedade. Ela busca compreender a realidade onde se situa, com a responsabilidade da sua missão no atual momento da história dos povos. É o olhar para a realidade e ali compreender o seu ser e sua missão. Contudo, a Igreja não se define em sua natureza e identidade a partir da realidade social.

Os bispos afirmam no nº 14 do *Documento de Aparecida*: "o que nos define não são as circunstâncias dramáticas da vida, nem os desafios da sociedade ou as tarefas que devemos empreender, mas acima de tudo o amor recebido do Pai graças a Jesus Cristo pela unção do Espírito Santo" (CELAM, 2007, p. 15).



A partir da realidade, a Igreja entende-se a si mesma e vê a necessidade de "uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens" (CELAM, 2007, p. 14).

O diálogo nasce assim como necessidade de parcerias no meio social. O diálogo social é o modo de a Igreja, abolindo todo sofrimento injusto, "assumir evangelicamente e a partir da perspectiva do Reino as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano" (CELAM, 2007, p. 174). Reafirma a opção preferencial pelos pobres e excluídos, luta pela dignidade humana e pela justiça, é a favor da defesa da vida. Nesse diálogo, todos estão incluídos, pois a ação social decreta o diálogo construtivo para os indispensáveis consensos sociais, não só no plano teórico, mas na prática, com gestos concretos.

2.2 Diálogo Ecumênico

O diálogo ecumênico visa criar, entre as Igrejas Cristãs, um diálogo fraterno, para que haja um relacionamento de respeito e afeto mútuo entre aqueles que acreditam em Jesus Cristo e que seguem o Evangelho. Walter Altmann, na apresentação do livro Caminhos do Ecumenismo no Brasil de Elias Wolff, afirma que o "ecumenismo é, antes de tudo, um lindo sonho, nutrido pelo anseio espiritual por unidade da família cristã, já expressado na intercessão de Jesus ao Pai (Jo 17,21). Mas ele é também uma igualmente bela, embora ingente, tarefa incumbida às igrejas e a todas as pessoas cristãs" (Wolff, 2018a, p. 11).

O objetivo do diálogo ecumênico não é praticar o proselitismo, mas sim entender que a essência da fé é a mesma e que a experiência vivida na fé do filho de Deus pode corroborar com a propagação da mensagem de esperança nessa sociedade tão tecnológica e plural, por exemplo.

Sob o ponto de vista teológico, ecumênico é o diálogo entre os cristãos que professam a fé em Jesus, na Trindade, no mistério pascal, na redenção, na graça, enfim, toda a fé do Novo Testamento. Isso é vocação de unidade, vem do Batismo e da graça do Espírito Santo. O *Decreto Unitatis Redintegratio*, nº 05, diz que "a solicitude para instaurar a unidade se impõe a toda a Igreja, tanto aos fiéis, como aos pastores, e afeta a cada um em particular, de acordo com sua capacidade, quer na vida cristã cotidiana, quer nas investigações teológicas e históricas".



2.3 Diálogo Interreligioso

O diálogo interreligioso, como a própria nomenclatura sugere, acontece entre as diferentes religiões (budismo, islamismo, judaísmo, xintoísmo, kardecismo, cristianismo etc.). Esse tipo de diálogo não é focado na unidade, como aquela que acontece no ecumenismo. Trata-se de um diálogo para discernir como a Graça de Deus opera no coração dos homens e mulheres de outras tradições; como eles e nós, de algum modo, podemos atuar juntos no testemunho da verdade, da justiça, da paz, da promoção humana; como nós podemos atuar juntos, como homens e mulheres religiosos, na construção de uma cidadania, de uma sociedade justa, do cuidado ambiental, por exemplo.

Não pode ser confundido, o diálogo interreligioso, com uma mera relação de confrontação de identidades distintas. Diz respeito ao "conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outros credos para um conhecimento mútuo e um recíproco enriquecimento" (Secretariado para os não-cristãos, 2010, p. 3).

Não se trata de deixar o anúncio de Jesus de lado e ficar apenas no diálogo, ao contrário, o nosso diálogo com os membros de outras tradições não cristãs é a nossa forma de missionar, de modo recíproco, dialógico, testemunhar a nossa fé. Transformar esse diálogo num espaço de anúncio, pela nossa vivência, nossa presença evangélica cristã. A vida dos cristãos pretende ser sempre um sacramento, um sinal de uma outra realidade.

2.4 Diálogo com os que não creem em Deus

O Vaticano II, na *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, acrescenta o diálogo com o ateísmo (GS 21). O diálogo com os que não creem em Deus deve assumir a herança da antiga missão ad gentes. O dever ad gentes não pode mais ser caracterizado pela distância geográfica, uma vez que está bastante relativizado pelos atuais meios de transporte e pelos meios de comunicação. O que caracteriza é o que pode ser chamado de distância religiosa, isto é, rejeição a qualquer vinculação transcendental do mundo e da humanidade.

3 Cultura do encontro e do diálogo

Pela acolhida e abertura ao outro, sem renunciar a suas concepções, identidade e certezas é que o diálogo se faz. No encontro com o outro, a partir da experiência e a perspectiva do outro, que é diferente de mim, pode-se aprender muito e enriquecer toda a Igreja e a sociedade.



A experiência do encontro envolve diferenças e se cresce com elas. O outro, o diferente, tem o seu lugar. Entre as diversas Igrejas e religiões, o agente de pastoral descobre sua missão de promover a cultura do encontro. Encontrar-se significa possibilidade de mútuo respeito, entendimento e convivência. A concepção é de uma cultura que "está embasada num processo de construção coletivo e solidário, de esforço mútuo, garantido pelo princípio fundamental de igualdade" (Britto, 2009, p. 52).

A este modo de pensar a cultura, o Papa Francisco chama de cultura do encontro, que leva em conta a diversidade e a pluralidade, requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros. O início da cultura do encontro está no encontro com Deus, Pai das Misericórdias, revelado por Jesus, fonte de toda ação evangelizadora da igreja. Todo cristão experimenta que o Senhor tomou a iniciativa e precedeu-o no amor, e este amor lhe devolve o sentido da vida (cf. 1Jo 4,10). "Como pode conter o desejo de comunicá-lo aos outros?" (Francisco, 2013, p. 11).

O diálogo consiste numa atitude espontânea em busca do encontro dos diferentes capaz de gerar frutos de uma experiência gratuita, generosa, onde a beleza e o encanto do outro aproxima e cativa. A motivação e a finalidade do encontro dialogal precisam estar bem claras para evitar forçar um diálogo por causa de determinada situação particular. "É preciso querer dialogar para encontrar o modo correto de inserção no pluralismo eclesial e religioso e da exploração positiva das circunstâncias do diálogo. E isso implica a formação para o diálogo" (Wolff, 2004, p. 68). Aos membros da Igreja, cabe ficarem atentos às necessidades e possibilidades do diálogo, isto é pré-condição para abertura ao pluralismo eclesial e religioso.

Dentre as diversas formas de diálogo, pode-se elencar a convivência, a ação conjunta e o diálogo teológico. Uma boa convivência entre diferentes revela que o sabor do diálogo vai depender da capacidade de relação com o diferente, atenção, respeito e acolhimento. "Na convivência, é necessário reconhecer que o outro tem direito a um espaço para a manifestação de sua identidade, suas peculiaridades e seus valores" (Wolff, 2004, p. 69).

Ao invés da exclusão, o Evangelho inspira a todos os cristãos a aproximar, acolher, cooperar e conviver, testemunhando o seguimento a Jesus Cristo, Mestre do diálogo. Logo, espera-se da Igreja como um todo, uma identidade relacional, que vai se construindo, na medida em que ele "busca situar-se nesse contexto, discernindo o significado do pluralismo eclesial e religioso para o seu meio e as interpelações que ele apresenta para o Evangelho que ele proclama" (Wolff, 2004, p. 90).



4 Considerações finais

A Igreja, ao buscar a fidelidade ao Evangelho, é marcada pela defesa e pela prática do encontro e diálogo. É um exercício excelente de escuta e decisões de importância para o futuro da missão da Igreja no mundo urbano. Exercício delicado, mas enriquecedor, ousado e promissor não apenas para a Igreja, mas também para a sociedade. Inspirados no Evangelho, precisamos ser devotamente partidários do diálogo. Quando dele formos tentados a nos afastar, recordemo-nos de Jesus, em diálogo com Pilatos; de São Francisco de Assis, em diálogo com o Sultão do Egito; de Santa Catarina de Sena, em diálogo com o Papa Gregório XI.

As tendências a desfavorecer a escuta do diferente e a negar a construção de soluções pela via do diálogo não devem fazer parte do cotidiano do ser humano. Vai se redescobrir que o Evangelho fecunda a história também quando sustenta, especialmente nos cristãos, o firme empenho de trilhar o caminho do encontro e do diálogo.

O diálogo contém em si um potencial reconciliador, nada exclusivo das religiões. Precisamos redescobrir o sentido restaurador do diálogo, que na busca da verdade aponta para uma longa estrada a percorrer. Às vezes demorado, longo, intenso, ele é a aposta mais crível de possibilidade de convivência humanizada e de superação de qualquer forma de violência. Ele é o itinerário para a construção da paz.

Formar-se na sociedade plural significa reconquistar a subjetividade, entender que a realidade existente não é tão pétrea quanto parece e que pode ser diferente, sobretudo, dar-se conta da diferença, da alteridade, do outro como nova categoria fundante da formação. Tendo em vista a complexidade do ser humano e da realidade que o cerca, a Igreja, por meio de seu Magistério, sempre expôs sua preocupação. O mundo constitui uma referência de sentido para a Igreja; a Igreja toma consciência de si mesma e de sua missão na conformidade com a Palavra de Deus e, por conseguinte, no exercício do diálogo com as linguagens que vêm do mundo.

O diálogo deve continuar! Nele se encontra uma bússola segura para se orientar no caminho da compreensão do mundo contemporâneo e do modo como a Igreja se relaciona com ele, em permanente esforço para que o Reino de Deus se torne mais visível.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2003. 2ª Impressão.



BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura**: sob o olhar dos estudos culturais. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 24ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO. ***Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013. (Documentos do Magistério).

SECRETARIADO PARA OS NÃO-CRISTÃOS. **A igreja e as outras religiões**: diálogo e missão. 4ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2010.

WOLFF, Elias. **Ministros do diálogo**: o diálogo ecumênico e inter-religioso na formação presbiteral. São Paulo: Paulus, 2004.

WOLFF, Elias. **Igreja em diálogo**. 1ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

WOLFF, Elias. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo: Paulinas e Paulus. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2018a.

